

GUATTARI E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

GUATTARI AND THE PRODUCTION OF SUBJECTIVITY

Luiz Manoel Lopes¹

RESUMO: O artigo busca apresentar as relações de Félix Guattari (1930-1992) com o problema da subjetividade não como pertencente ao sujeito individual que teria as condições asseguradas para determinar sua existência empiricamente, constituindo o conhecimento e garantindo a ordem dos costumes vigentes. De outro modo, procura-se, junto a Guattari, sinalizar como a subjetividade é produzida no sistema capitalista enquanto sujeição à ordem econômica. A produção de subjetividade pensada por Guattari será apresentada a partir de três fases que consideramos imprescindíveis em sua trajetória em meio à psicoterapia institucional e aos ativismos políticos.

Palavras-chave: Guattari; subjetividade; psicoterapia; desejo; política.

ABSTRACT: The article seeks to present Félix Guattari's (1930-1992) relations with the problem of subjectivity not as belonging to the individual subject who would have the guaranteed conditions to determine his existence empirically, constituting knowledge and guaranteeing the order of prevailing customs; but rather, in another way, signaling that subjectivity is produced in the capitalist system as subjection just like the economic one. The production of subjectivity thought by Guattari will be presented from three phases that we consider essential in his trajectory in the midst of institutional psychotherapy and political activism.

Keywords: Guattari; subjectivity; psychotherapy; desire; politics.

¹ Luiz Manoel Lopes é doutor em filosofia e professor adjunto da UFCA-Universidade Federal do Cariri. E-mail institucional: manael.lopes@ufca.edu.br

1 INTRODUÇÃO

A crítica e a clínica moram na filosofia

As posições críticas de Félix Guattari (1930-1992) acerca do capitalismo incidem em considerar as sujeições em que estamos expostos nos seguintes aspectos: este sistema que envolve o capital não pretende assegurar somente a sujeição econômica, mas também implica uma sujeição que se estende por diversas esferas da constituição de subjetividades; no modo de nos relacionarmos, amarmos, trabalharmos, estudarmos, pesquisarmos, ensinarmos etc.

Como então podemos tratar do enfrentamento de modos contemporâneos de assujeitamentos a ponto de que subjetividades singulares, críticas e criativas possam ainda ser tecidas em uma maquinaria que tem sua produção realizada a contrapelo dos empreendimentos extenuantes, globais e generalizantes do capitalismo, por vezes excludentes e destrutivos? Consideramos que algumas pistas elucidativas a tal questão foram forjadas no decorrer da trajetória de Guattari.

De início, indicaremos três vias pelas quais a questão da subjetividade no pensamento de Guattari pode ser acompanhada em suas modificações, considerando que não existe sujeito sem apontarmos para a intensidade e plasticidade de sua dimensão desejante. As referidas fases na trajetória de Guattari aparecem assim implicadas a seu percurso de clínica e ao seu ativismo de extrema esquerda; caminhos lassos que se constituem do encontro entre desejo e política. As vias que trabalharemos serão então extraídas da pesquisa de Cristhian Kerslake, apresentada no artigo *As Máquinas Desejantes de Félix Guattari*. Kerslake oportunamente identifica as três fases mais marcantes observadas na trajetória de Guattari:

1^a) Guattari, na primeira fase, mantém um contato próximo dos irmãos Jean e Ferdinand Oury (nomes expoentes da psicoterapia e pedagogia institucional, respectivamente), por abordarem outros modos de intervenção na clínica da psicose e nas práticas pedagógicas na França da segunda metade do século XX. Dessa relação, em específico, encontramos aspectos que nos remetem às atividades em que Guattari pôde estabelecer as primeiras conexões entre desejo e política. Além do contato com os irmãos Oury, ele também estabeleceu conversações com o médico espanhol François Tosquelles, radicado na França depois de ter se refugiado da

ditadura de Franco; as conversas entre eles giravam, sobretudo, no entorno da prática da psiquiatria relacionada às questões entre Freud e Marx;

2ª) Na segunda fase apareceriam os escritos de Guattari com Deleuze e as novas concepções de desejo, pois, na primeira fase a sua teoria do desejo ainda seria tributária daquela de Lacan sustentada pela primazia do “objeto a”, trazendo, segundo os autores de *O Anti-Édipo*, ainda um certo teor idealista para o tratamento dos sujeitos desejantes;

3ª) A terceira e última fase é considerada aquela em que, a partir de 1988, aparecem as relações entre a era *pós-mídia*, a *caosmose* e a *ecosofia*.

A trajetória de Guattari, para além das divisões aqui assinaladas, salienta de modo geral experiências que trazem a força de práticas políticas de resistência aos mais variados tipos de fascismos. Sendo assim, um acontecimento impactante nas formulações de Guattari refere-se às mudanças operadas no período pós-guerra, quando da derrota do nacional-socialismo pelo Exército Vermelho em Leningrado. Diante dessa situação, o mundo se dispôs dividido em dois blocos com sistemas econômicos e políticos divergentes.

Não podemos deixar de fazer essas pontuações, de uma perspectiva geopolítica e também do contexto que envolveu o conjunto da produção de Guattari, devido à constatação de que em pleno século XXI, embora esta divisão rígida tenha se desfeito, embora estejamos diante de uma era que proporcionou um dos maiores avanços tecnológicos digitais ligando as pessoas mundialmente em rede, vemos novamente o avanço da extrema direita no país em que vivemos, ressaltando-se o paradoxo dos maiores retrocessos de subjetividades, não apenas em termos de sofrimento psíquico, mas da mitigação das potências desejantes e relacionais. Temos a sensação de que o fascismo voltou a dividir o Brasil.

Jean Claude Polack, atento às sombras e separações operadas pelo fascismo, deixa grifado como na atmosfera de uma vida de militância política, na ocasião de sua aproximação com a psicoterapia institucional, Guattari pôde estabelecer uma série de alianças que o motivou para as ações revolucionárias no campo da crítica e da clínica. Polack afirma:

Félix entra na adolescência com o fim da guerra mundial, Hiroshima e os acordos de Yalta. Tornou-se amigo de seu professor, Fernand Oury, que o envolveu em atividades militantes libertárias e trotskistas, e que o apresentou a seu irmão Jean, um aprendiz de psiquiatra. Isso o apresentou a François Tosquelles, o fundador da Psicoterapia Institucional (POLACK, 2008, p.1).

Vale salientar que desses muitos encontros da vida de Guattari – aqui apenas pincelados – mostra-se que a tentativa de tratar da produção de subjetividade, em diversos aspectos, será impulsionada a partir da sua ligação com o filósofo Gilles Deleuze, efetivando-se daí um agenciamento entre filosofia, clínica e ativismos políticos. Isto é, na fase de Guattari marcada pelo encontro com Deleuze começaram a germinar modos de pensar que trouxeram em relevo outras concepções sobre a implicação entre o desejo e o social, distanciando-se assim de sua formação analítica realizada com o psicanalista francês Jacques Lacan.

Ainda no contexto de uma reformulação da noção de desejo, também salientamos as divergências de Guattari em relação à compreensão de que nossos fluxos desejantes seriam contidos por estratos repressivos, encapsulados em couraças narcísicas, entendimento encampado por Wilhelm Reich e provindo de uma leitura freudo-marxista do desejo. Mas, ao seguirmos os vestígios filosóficos dados em Guattari, percebemos que foi só no encontro com Deleuze que começou a se operar uma importante alteração, a saber, é nesse ponto que parece ter acontecido uma virada de chave, proporcionando que seu pensamento-ação, sua crítica-clínica, viesse a ganhar potência política e filosófica.

Sobre isso, no artigo “Máquina e Estrutura” (1969), que é publicado no livro *Psicanálise e Transversalidade* (1972), o próprio Guattari expressa os principais efeitos desse encontro filosófico, pois, é a partir daí que viria à tona a possibilidade de reformulação da compreensão do desejo e do inconsciente nos termos de “diferença e repetição e da produção de sentido”, temas que já tinham sido abordados por Gilles Deleuze nos livros *Diferença e repetição* (1968) e *Lógica do sentido* (1969).

Em acordo com o texto do Bruno Meziane, intitulado *Histórico de um agenciamento*, compreendemos que Félix Guattari e Gilles Deleuze (apesar de não se conhecerem antes das oficinas de escrituras coletivas que culminariam no *O Anti-Édipo*) já vinham, de modo virtual, fazendo antecipações do que seria proposto enquanto abordagem das subjetividades, sobretudo, quando passaram a trabalhar em conjunto escrevendo livros, tais como *Kafka por uma literatura menor*, *Mil Platôs* e *O que é a Filosofia?*.

Portanto, em muitos posicionamentos de Félix Guattari, encontramos ecos que sugerem a relevância de Deleuze em seus combates políticos e clínicos, na medida em que as formulações conceituais filosóficas propiciavam-lhe trabalhar com a potência do infinito,

sempre acrescentando, a cada conceito forjado, o que considerava ser essencial para a existência humana. É importante advertir que a relação de Guattari com a filosofia não começa no encontro com Deleuze, pois, o pensador da esquizoanálise já havia traçado todo um percurso de tematizações filosóficas iniciado na Sorbonne. Não podemos esquecer que, apesar de não ter concluído o curso de filosofia, Guattari fizera importantes incursões nos estudos de Sartre, Merleau-Ponty e Kierkegaard, não deixando de apresentá-los a seu modo.

Deleuze, certa vez, ao comentar sobre a presença marcante da filosofia na produção intelectual do seu amigo, sublinhou que Guattari era um filósofo selvagem em estado bruto, mas que, ao mesmo tempo, teria sido capaz de escrever com suavidade o mais duro de suas considerações. Por exemplo, os conceitos de “ser-no-mundo em estado nascente” ou “grupo sujeito e subjetividade” derivam do encontro de Guattari com textos filosóficos, acrescentando componentes, tal qual uma maquinaria, de suas práticas de ativista e de psicoterapeuta institucional. Portanto, a obra de Guattari seria potencialmente atravessada pelo fio vermelho da filosofia, ao passo que as atividades críticas e clínicas se apresentaram indissociavelmente vitais para ele. De fato, o encontro de Guattari com a filosofia foi um acontecimento que proporcionou que o seu pensamento se colocasse em procedimentos de criação.

Em meio a essa atmosfera filosófica, nos deteremos também neste artigo a abordar a relevância de questões como as mutações tecnológicas e as práticas que envolveriam as formulações sobre as pós-mídias e ecosofias. Nesse ponto de sua trajetória, Guattari assinalaria suas preocupações em produzir desbloqueios nas subjetividades, propondo-se a encetar a liberação das singularidades aprisionadas nos grupos sujeitados formados, principalmente, nas instituições asilares.

A partir destas considerações prévias, faz-se necessário ainda assinalar que a fase de Guattari dedicada aos temas ecosóficos e da era pós-mídia deriva de suas preocupações diante das mutações vertiginosas no âmbito da produção de subjetividade. No que diz respeito às conexões entre a prática clínica e a era pós-mídia, Drigo oportunamente observa: “Como Guattari trabalhou essa noção até os anos 80, ele entende que a mídia ou os espaços virtuais são também verdadeiras instituições, das mais importantes na constituição da subjetividade contemporânea” (DRIGO, 2020, p.3).

Nesse sentido, essa ampla trajetória de sucessivas reformulações que, por fim, passa a ligar clínica e pós-mídia vai então ao encontro do que Guattari sempre estivera comprometido, a saber: o aspecto revolucionário nos modos de tratamento da loucura. Não nos propomos a indagar no que hoje consistem essas instituições de tratamento da loucura ou no que envolve a noção de loucura (esquizofrenia, psicose ou de qualquer psicopatologia), mas consideraremos que existem instituições que ainda violam, (mal)tratam e assujeitam os considerados “loucos”, um sintagma atual de minorias marginalizadas. Todavia, também não queremos examinar genealogicamente as instituições, mas sim nos voltar para as aberturas que se produziram nesses espaços de cuidado aos considerados loucos em um tempo pós-Guattari.

A nossa posição é que a partir da pesquisa sobre a produção de subjetividade realizada no decorrer da trajetória de Guattari, levando-se em conta seus efeitos desbloqueadores, podemos traçar novas cartografias para resistir aos fascismos que ainda nos atingem. Portanto, nos compassando de Guattari, procuraremos tratar das variações de um pensamento em que o trânsito pela análise institucional, psicoterapia institucional e esquizoanálise foi agenciando e potencializado pela filosofia, assumindo com isso efeitos políticos.

Apesar de tais recortes da trajetória de Guattari aqui empreendidos, não podemos nunca nos afastar de seu invariável envolvimento com as questões da produção de subjetividade, na medida que ele tenta respondê-las por uma série de deslocamentos críticos, de enfrentamentos políticos dados e atualizados a cada época. Assim, tais demarcações, didaticamente apresentadas, servem aqui como um fio condutor que nos auxilia a observar o fascismo por diversos ângulos, tal como quando se examina um inimigo que assume múltiplos disfarces a cada vez que dele nos aproximamos.

Por isso, junto a Guattari, somos motivados a escrever este artigo a partir das seguintes indagações: como e por que o desejo começa a se voltar para processos destrutivos? Como podemos enfrentar o fascismo quando lecionamos nas universidades, nas escolas, quando nos posicionamos em nossos grupos de pesquisa, em nossas falas e em nossos textos? Como é possível cartografar os movimentos desejantes nas instituições para que os fascismos não as impregnem?

Diante dessas considerações introdutórias, é importante termos como pano de fundo um contexto em que os tensionamentos políticos que envolvem a produção de subjetividade

sugerem também a criação de novos sentidos de vida, sentidos que podem se engendrar a partir de outras produções desejantes, dentro e fora das instituições.

2 SOBRE A LOUCURA E A QUESTÃO DA SUBJETIVIDADE

Como uma marca importante da psicoterapia institucional e da esquizoanálise na trajetória de Guattari, considera-se sua busca incessante por circunstâncias que pudessem permitir forjar variações dentro dos locais em que havia a primazia de uma racionalidade assujeitadora; racionalidade que funcionava como modo de captura e de apagamento dos acometidos pela “loucura”. Em um contexto em que as subjetividades patologizadas eram “tratadas” mediante a restrição do convívio e a imposição de situações extremas, em que a loucura passa a estabelecer vizinhança com a miséria, a fome e a violência, a trajetória de Félix Guattari torna-se, portanto, revolucionária ao passo em que coloca a loucura no mesmo registro das relações entre desejo e política.

Isso implica, em última instância, compreender que qualquer modificação dos tratamentos em relação aos loucos passa pelo fato de conseguir se operar um novo sentido de formação de grupos sujeitos dentro das instituições, podendo, inclusive, instaurar-se novas modalidades de investimentos do desejo em relação às psicopatologias. Contudo, deve-se considerar que o tratamento institucional dado aos ditos “loucos”, o internamento, teve seu *boom* a partir do momento em que a *intelligentsia* moderna passa a empreender um domínio subjetivo dado pelo cultivo e conservação de identidades fixas e estáveis, em que se assegura ao sujeito dizer-se humano por sua condição de normalidade, de clareza da consciência e de bom uso da razão.

Por conseguinte, o considerado “louco” – como um ser anormal, delirante e irracional – torna-se uma presa de toda aparelhagem institucional. Os loucos, portanto, teriam o mesmo tratamento daqueles que seriam vistos como animais selvagens, justamente, porque não trariam as marcas da razão, dos seres racionais. Sendo assim, essas subjetividades foram por certo tempo consideradas como uma espécie animal das mais ferozes que demandaria ser retida e tratada.

Vejamos como Larissa Drigo apresenta o lado político, salientado por Guattari, da questão do tratamento psicoterápico voltado às existências marcadas pelas insígnias da loucura:

É Guattari quem vai dar uma inflexão política para as práticas da psicoterapia institucional, do diagnóstico ao tratamento dos problemas políticos de organização com uma inflexão que até então não estava presente no debate político. Trata-se, em primeiro lugar, de pensar a política a partir de grupos distintos e não mais de indivíduos tomados isoladamente [...] (DRIGO, 2020, p.3).

Não podemos assim esquecer nem das modificações que Guattari promoveu em suas próprias práticas clínicas, nem de seus distanciamentos de considerações puramente teóricas; um dos pontos relevantes das suas práticas é que ao escrevê-las, tematizar seus efeitos, o pensador da esquizoanálise não busca somente propor teorias, mas sim promover alterações radicais tanto nas atividades clínicas quanto nas sociais. Essa constante revisão de seus posicionamentos, no limite, nos leva à compreensão da importância das relações entre crítica e clínica.

A prática evidencia que diante de inúmeras crises sociais, os casos clínicos também tendem a aumentar, sendo que a procura por cuidado não somente diz respeito aos sofrimentos particulares que cada indivíduo carregaria solitariamente. Mais além e complexo do que isso, o sofrimento psíquico também pode sinalizar que, por exemplo, grupos fascistas ou movimentos de extrema-direita estão violentamente atravessando e permeando as instituições, dando-se, portanto, como nossos reais inimigos.

Vale lembrar que Guattari, juntamente com Deleuze, propõe uma crítica da condição de loucura a partir de uma reformulação da noção de desejo puramente atrelada ao sujeito individual do inconsciente, por isso ambos se voltam contra a psicanálise, atacando frontalmente as variações freudianas levada a cabo pelo psicanalista francês Jacques Lacan em sua formulação do “objeto a” como sendo a raiz do desejo. Observemos o comentário de Kerslake sobre isso:

O objeto “a”, descrito por Lacan como a raiz do desejo, o umbigo do sonho, também irrompe no equilíbrio estrutural do indivíduo como uma máquina infernal. Não há subjetividade em sentido estrito sem desejo (seja aceito ou reprimido), mesmo que o verdadeiro “objeto” do desejo, o objeto “a”, seja por natureza evanescente e obedeça a um mecanismo inconsciente “infernal” (KERSLAKE, 2008, p.46).

Sendo assim, devido à apreensão de um mecanismo inconsciente “infernai” que movimentaria o desejo em Lacan, ainda para Kerlake, Guattari começara a tratar da produção de subjetividade em desvio das teorizações psicanalíticas, sobretudo, das formulações lacanianas que gravitavam na presença virtual e, ao mesmo tempo, central do “objeto a” como causa do desejo. O autor comenta:

Em um artigo chave de 1969, “Máquina e estrutura”, ele caracterizou o processo do desejo pelo fato de que “o sujeito se vê dispensado”. O objeto “a” é percebido como vindo de fora, embora aborde o desejo mais profundo do sujeito, mesmo além de suas próprias concepções egóicas (KERSLAKE, 2008, p.42).

Nessa outra apreensão do desejo, a criação da clínica *La Borde* (a margem) aparecerá sempre como um espaço onde as trajetórias de Guattari desembocam, assinalando um acontecimento que eclodiu na intenção de instaurar outras modalidades de tratamento da loucura. Quando os nomes de François Tosquelles, Jean e Ferdinand Oury aparecem associados ao de Félix Guattari, podemos dizer que a partir desses encontros a relação crítica com Freud, Marx e Lacan se tornam prementes para outras compreensões de clínica.

No entanto, ainda na fase inicial da trajetória de Guattari, observamos não apenas um incômodo prático e teórico diante dos anos de formação psicanalítica com o médico Jacques Lacan, como também discordâncias com Jean Oury em torno da luta antimanicomial, estas últimas relatadas em forma de diário no texto *Leros*. Dessa época, o que podemos reter é que a clínica em Guattari não se faz de modo separado das questões que o remetem ao inconsciente, sobretudo, àqueles que protestam.

As suas proposições são então acentuadamente de ordem prática, pois, enunciam modos de intervenções nos sistemas psicoterapêuticos diante dos surtos psicóticos. Os encontros que levaram Guattari a trabalhar a questão de grupos distintos, uns como sujeitados e outros enquanto sujeitos, derivam de experiências clínicas dissidentes dos procedimentos protocolares de tratamento da loucura. Seus incômodos implicaram uma questão fundamental: como as psicopatologias podem ser tratadas sem ao menos destacarmos o que são as singularidades – que geralmente nunca são levadas em conta –, sobretudo, quando o mal-estar psíquico é apresentado mediante as tentativas de curar “a alma humana” de suas dores?

Destarte, repensar a clínica em termos de diferença e repetição foi um passo decisivo na trajetória de Guattari, gerando assim desconforto no seu mestre Jacques Lacan. No artigo

“Máquina e Estrutura”, encontramos, portanto, Guattari relacionando a clínica a partir das noções de máquina e repetição, por um lado, e fazendo uma crítica radical do sujeito enquanto estrutura e generalidade, de outro lado. Assim, em *Diferença e repetição*, por exemplo, podemos encontrar Deleuze afirmando que “a repetição não é a generalidade”. No livro em questão, a repetição é pensada de dois modos: primeiramente, como repetição singular que ao se repetir tornaria-se sempre diferente de si mesma; em segundo lugar, a repetição como crítica – daí o ponto nevrálgico de sua clínica – para destituir a noção de repetição como atrelada à repetição do mesmo (repetição do sintoma, das relações edípicas, do evento traumático etc.), repetição que, em última instância, nos levaria à generalidade, produzindo apenas edifícios conceituais.

O arcabouço conceitual sobre a loucura é o que, segundo o coautor de *O Anti-Édipo*, neutralizaria as diferenças singulares que viéssemos a encontrar nas próprias repetições. Por exemplo, Maria e Pedro possuem vidas singulares. No entanto, se classificarmos tais indivíduos como pertencentes somente à generalidade, seremos levados a afirmar que são existências que pertencem ao gênero animal e possuem a diferença específica de serem racionais. Neste ponto, portanto, as *hecceidades*, as diferenças singulares que se repetem, não são levadas em conta.

Sendo assim, as relações entre filosofia da diferença e psicose ganham pormenores inauditos com Deleuze e Guattari, tais como nas posições de vizinhança em relação às filosofias existencialistas e fenomenologias. Com isso, é a partir das práticas de Félix Guattari em *La Borde*, conectadas aos ativismos de extrema-esquerda e às experimentações filosóficas de Gilles Deleuze, que começamos por ter novos modos de tratar das relações entre desejo e social.

Quando começamos a pensar sobre a produção de Guattari em meio aos seus vários encontros (com François Tosquelles, Jean Oury, Gilles Deleuze e, posteriormente, com os pensadores das mídias táticas e radicais, assim como os mais diversos tipos de artistas, ecologistas e componentes de movimentos sociais), o fio vermelho que a percorre tem muito a dizer sobre o seu posicionamento crítico e clínico. O tema da subjetividade em Guattari traz à tona o tensionamento entre a identidade do sujeito e o campo da diferença. O campo da diferença seria o lugar em que a loucura foi colocada em questão, justamente, para confrontar as situações em que os “homens loucos” eram assim considerados a partir de uma diferença

específica: sua falta de racionalidade. Sob esta inflexão, a relação da loucura com o pensamento torna-se sempre problemática.

Faz-se importante salientar que quando se trata dos últimos escritos de Guattari, a questão da produção de subjetividade aparece cada vez mais distanciada da primazia da racionalidade, sendo que os processos de singularização ganham novos meios de apresentar as relações ecosófica entre o mental, o ambiental e o social. Tratar do tema da subjetividade em Guattari, sem deixar de nos remeter ao que ele denomina de “estado nascente no mundo”, seria esquecer de suas leituras (de base existencial e fenomenológica) que dizem respeito ao fato de que existir é ser-no-mundo, existir é se ligar ao mundo histórico, ao mundo-da-vida em comum e, principalmente, se ocupar em constituir novos modos de existir no mundo.

A reboque dessa postura prático-filosófica, Guattari se ocupa em dizer sobre a existência e não sobre a essência. Guattari ao pensar sua clínica e seus conceitos, a partir de sua convivência junto aos psicóticos, acentua os seus ativismos políticos. As incursões de Guattari nas semióticas experimentais, por exemplo, a partir de aproximações de Hjelmslev, ou ainda, de seu contato com a literatura de Kafka, Joyce e Artaud, indicam sublinhar as práticas analíticas não mais sob o viés das suas submissões aos paradigmas científicos, mas pensá-las envolvidas em um contexto ético, estético e político. Nesse sentido, as suas investidas em novas modalidades de tratamento dos psicóticos, de tentar novos modos de “traduzir” o que diziam, faz com que suas pesquisas em torno da produção de subjetividade tivessem suma importância, sobretudo, quando a esquizoanálise surge como contraponto às psicoterapias convencionais e análises institucionais.

Em entrevistas concedidas a Kuniichi Uno, em 1984, percebemos que a vida de Guattari, nas diversas fases de sua trajetória, voltou-se inteiramente para uma luta política e clínica de cuidado com os psicóticos. Quando Uno o questiona sobre a prática na clínica ser “essencial para concretizar o pensamento sobre os esquizofrênicos por exemplo” (UNO, 2016, p.95), Guattari começa a respondê-lo sublinhando as discordâncias entre os modos de proceder da psicanálise e da psiquiatria no contexto institucional:

Sim, depois disso veio a ideia da esquizoanálise. Criei a expressão análise institucional porque, de início, a corrente de Oury, Tosquelles, representava a psicoterapia institucional. Psicoterapia me incomodava, porque me parecia bastante limitado. Usei esse termo porque o que a psicoterapia institucional veiculava era algo que canalizava

a análise sobre noções personológicas, sobre uma certa concepção interpersonológica da análise (UNO, 2016, p.95).

As remissões de Guattari em relação às mudanças de nomeações sobre as atividades terapêuticas sempre aparecem ligadas às instituições, o que indica suas preocupações em cartografar os investimentos que perpassam os grupos que compõem os movimentos e os desejos que fazem as instituições funcionarem. Sendo assim, afirma:

E eu achava que a análise das formações do inconsciente não estava ligada apenas as relações interpessoais que vinham da psicologia, da psicopatologia etc., que isto dizia respeito ao conjunto dos sistemas de produção. Então para mim, a psicoterapia institucional era um caso particular de análise institucional, que também tinha a ver com a pedagogia, o urbanismo, a vida social, a economia, a arte etc. Isso funcionou muito bem até 1968. Houve todo o tipo de correntes de análise institucional, entre os quais Lourau, Lapassade e outros, não importa (UNO, 2016, p.96).

Nesse sentido, a partir desses posicionamentos de Guattari, compreendemos que as diversas lutas políticas de reformulação das atividades terapêuticas são de enorme relevância, dado que no país em que vivemos assistimos desde 2018 um acúmulo de posturas fascistas impregnando as instituições, fazendo as pessoas adoecerem, o que culminou em nosso caso, por exemplo, nos acontecimentos de 08 de janeiro de 2023. Ao pensarmos o problema da produção de subjetividade com Guattari, nós nos preocupamos em cartografar os investimentos de determinados grupos que fomentam os fascismos nas mais diversas instituições. Tais exercícios são modos de também produzir desbloqueios das subjetividades, liberando assim as singularidades.

Ainda na entrevista a Uno, Guattari comenta mais sobre os enfrentamentos da esquizoanálise:

Ainda existem escolas de análise institucional no Brasil, na América Latina, coisas assim. E quando vi o uso que estava sendo feito disto, um uso psicossociológico, disse que era preciso parar com aquilo. E não podemos retomar essa expressão análise institucional. Então, inventei a noção de transferência institucional e de transversalidade para mostrar que tipos de mecanismos semióticos estavam em jogo nessas operações. Mas com Gilles Deleuze, preferimos desistir dessa terminologia e usar a expressão esquizoanálise. Em certo sentido, a esquizoanálise é algo que tem a ver com essa prática de terapia institucional, de análise institucional. Poderemos dizer que havia oposição entre a psicanálise centrada na neurose, na psicopatologia da neurose e, depois, a esquizoanálise centrada sobre a psicose. Ou seja, uma descentralização de enunciação em relação àquelas que tinham sido privilegiadas por Freud (UNO, 2016, p.96).

Em suma, Guattari jamais deixou de conjugar as relações entre desejo e política, sendo que essa maquinaria se ligou à ênfase do inconsciente no decorrer de toda sua obra. Todavia, essas várias dimensões do inconsciente foram formuladas sempre em um campo aberto, justamente, para que as discussões e experimentações pudessem ser ampliadas, comportando múltiplas (trans)formações desejantes e políticas a um só tempo.

3 CRÍTICA E CLÍNICA

Os modos de lidar, por um lado, com os limites das situações de crise (sejam as da razão, do capitalismo ou mesmo dos manicômios) nos levam ao encontro de uma série de problematizações e teorizações que ao fim e ao cabo são o que denominamos de críticas. Ao nos inclinarmos, por outro lado, para buscar modos mais precisos de detalhar as circunstâncias para enfrentar e nos esquivarmos das crenças em determinados tratamentos dados aos loucos, nos contrapondo às terapêuticas protocolares que são as máximas expressões de racionalidades, podemos dizer que elaboramos críticas em torno da clínica.

De fato, Guattari modificou os tratamentos dados aos loucos, considerando que os contatos que estes mantêm com o inconsciente não são processos caóticos desordenados, mas experimentações que transversalmente se aproximam do caos e da complexidade. Os contatos com o inconsciente não são considerados passíveis a qualquer compreensão psicopatológica. Podemos dizer que, sem exagero, estamos mediante às considerações clínicas que mudaram incontornavelmente o nosso modo de ver a psicose por vieses exclusivamente personológicos e estruturais.

Ora, dessa trajetória podemos sinalizar que Guattari ao falar dos processos psicóticos ressalta o que experimentou na clínica e, ao mesmo tempo, o que o colocou em uma postura crítica diante da subjetividade. E seus movimentos por esse caminho, certamente, foram dinamizados a partir do momento em que Deleuze cruza o seu percurso.

As aproximações entre Félix Guattari e Gilles Deleuze aconteceram devido ao amigo em comum Jean Myrard; este percebeu que havia uma proximidade nas pesquisas deles, principalmente, no que se referia aos debates sobre psicose e instituição, motivando-os para a escrita de muitas linhas de intensidades. Nesse sentido, podemos acompanhar tanto nos escritos em dupla, quanto naqueles que assinaram de modo independente um do outro, os apontamentos

em torno das relações entre o social e o desejo. Uma importante passagem do texto de Bruno Meziane sobre a “afinidade global” entre Guattari e Deleuze, faz-se esclarecedora:

Essa observação de uma afinidade global de disposições filosóficas pode ser reforçada pela de uma afinidade teórica mais localizada. Para dar apenas um exemplo, mas particularmente significativo, parece claro que a atenção que ambos, cada um por seu lado, prestam ao conceito de instituição, constitui uma condição intelectual básica para seu encontro (MEZIANE, 2019, p.6).

Sendo assim, essas aproximações entre Deleuze e Guattari culminariam em discussões férteis para a composição do livro *O Anti-Édipo*, o primeiro a ser escrito por eles. Bruno Meziane aponta então que a “preparação”, sobretudo, a fase que antecedeu a escrita de *O Anti-Édipo*, não se deu como um caso fortuito, mas fora tributária das afinidades de pesquisas entre os dois pensadores. Por exemplo, conforme Meziane, Deleuze, desde a releitura de David Hume no início dos anos 1950, já

conceitua a instituição como uma prática ou atividade constituindo modelos referentes ao jogo de uma imaginação regulada por leis de associação. Sob esse conceito de instituição, Deleuze explora a ideia humeana de uma normatividade social difusa, produtora de regras imperativas e “artificiais” que garantem a composição das paixões e a integração dos interesses. Surge uma imagem da empresa, o de um mundo positivo do “artifício”: ambiente institucional que exclui qualquer transcendência do Direito, qualquer ruptura instituinte de uma ordem social na forma do direito (MEZIANE, 2019, p.9).

Deleuze, mais tarde, viria então a ressaltar na décima terceira série de *Lógica do sentido*, cujo título é *Porcelana e Vulcão*, as relações entre psicose e linguagem, deixando explícitas as controvérsias de Antonin Artaud em relação ao lógico-matemático Dodgson que, na verdade, é Lewis Carrol, autor de *Alice no país das maravilhas*. Deleuze compreende que o caso é clínico quando o escritor, como diz Samuel Becket, não consegue mais fazer buracos na linguagem para poder ver; mas sim, quando o vazio se instala e não existem mais sintaxes que abrem as possibilidades de ver outras modalidades de mundos através das sensações, afectos e perceptos.

Guattari, por sua vez, ao fazer críticas às instituições, não deixa de apresentar suas constatações sobre os tratamentos inadequados em relação aos psicóticos. Portanto, ao tratar do tema da instituição, ele o faz dentro de suas atividades na clínica *La Borde*:

A instituição também dá lugar a uma tematização explícita em Guattari, mas em um contexto completamente diferente, o da “psicoterapia institucional” e do trabalho na clínica *La Borde*. O que é visado por Guattari, como aparece no modelo de “clubes

terapêuticos" que ele propõe no *La Borde* o da "psicoterapia institucional" e o trabalho na clínica La Borde (MEZIANE, 2019, p.9).

Os posicionamentos de Guattari alteraram significativamente os modos de ele lidar com os pacientes psicóticos; seja constituindo novas maneiras dos profissionais – e dos não-profissionais – atuarem na clínica, seja no modo de conceber a psicose fora de um tratamento estritamente protocolar medicamentoso, passando assim a situar os acometimentos psíquicos da subjetividade em sua relação direta com o acontecimento e a história. O comentarista enfatiza que

contra a percepção da instituição como uma estrutura "objetivada", Guattari desenvolve uma prática coletiva e simbólica capaz de dominar, contrariando as dimensões alienantes da instituição clínica (estatutos, papéis fixos, hierarquia, rotinização). (*Idem.*).

Como um importante efeito desse grande encontro Guattari-Deleuze, *O Anti-Édipo* traz o destaque de outra dimensão institucional. Observemos:

A instituição é uma prática, ou o lugar de uma prática criativa. Anti-Édipo explorará essas duas inspirações, remodelando-as graças a novas mediações conceituais: a concepção da socialização do desejo apresentada neste livro apresentando uma ideia do campo social como um campo de inventividade e criação irreduzível a estruturas repressivas; uma ideia que já estava envolvida na problemática institucional de cada um dos autores (MEZIANE, 2019, p.9).

De tudo que vimos, as posturas de ambos pensadores inclinam-se às relações entre acontecimento e história, remetendo-nos justamente para o que fora impossível de ser pensado pelo estruturalismo², a saber: os atravessamentos do acontecimento³ em nossa vida. Deleuze

² "Em relação ao estruturalismo vale salientar a entrevista de *Michel Foucault* dada a *Alexandre Fontana* intitulada *Verdade e Poder*, em que nesta aparece a seguinte colocação." Deve-se então recolocar o conceito de descontinuidade no seu devido lugar. Talvez haja um outro conceito mais importante, mais central no seu pensamento: o conceito de acontecimento. Ora, a respeito do acontecimento, uma geração ficou durante muito tempo num impasse, pois, depois dos trabalhos dos etnólogos e mesmo dos grandes etnólogos, estabeleceu-se uma dicotomia entre as estruturas (aquilo que é pensável) e o acontecimento, que seria o lugar do irracional, do impensável, daquilo que não entra e não pode entrar na mecânica e no jogo da análise, pelo menos na forma que tomaram no interior do estruturalismo." *Foucault, Michel, Microfísica do Poder*, organização e tradução de Roberto Machado. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 4ª ed. 1984, p.6

³ Foucault responde, na sequência da entrevista, da seguinte maneira: "Admite-se que o estruturalismo tenha sido o esforço mais sistemático para eliminar, não apenas da etnologia, mas de uma série de outras ciências e até da história, o conceito de acontecimento. Eu não vejo quem possa ser mais anti-estruturalista do que eu. Mas o importante é não se fazer com relação ao acontecimento o que se fez com relação à estrutura. Não se trata de colocar tudo num certo plano, que seria o do acontecimento, mas de considerar que existe todo um escalonamento de tipos de acontecimentos diferentes que não têm o mesmo alcance, a mesma amplitude cronológica, nem a mesma capacidade de produzir efeitos." (*Idem*)

em *Diferença e repetição* elenca os nomes de Kierkegaard, Peguy e Nietzsche. O primeiro é pensado através de seu conceito de repetição, o segundo pelo de acontecimento e o terceiro com a noção do eterno retorno. Nessa mistura improvável de referências, no tensionamento entre acontecimento e história⁴, as formulações de Guattari começam a se expandir para o cuidado do meio-ambiente.

4 CAOSMOSE, PÓS-MÍDIA E ECOSOFIA

Nós começaremos por indicar as referências de Guattari à *ecosofia*, tomando como ponto de partida o que encontramos a partir de 1990, sobretudo, nos seus escritos em torno do conceito de era pós-mídia. As indicações com os cuidados em relação ao meio ambiente são inseparáveis daqueles em relação ao binômio social-mental.

Os aspectos que jamais podemos deixar de sublinhar é que esta injunção também é inseparável do digital. Nesse sentido, antes mesmo de tratar das questões ecosóficas e daquelas que falam da pós-mídia, começaremos por acentuar o problema da subjetividade a partir do que Félix Guattari indica no livro *Caosmose*: “Minhas atividades profissionais no campo da psicopatologia e da psicoterapia, assim como meus engajamentos político e cultural levaram-me a enfatizar cada vez mais a subjetividade enquanto produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais”.

Nós consideramos então a importância da sensibilidade de Guattari ao tratar das relações entre sujeição econômica e subjetiva. Mediante esta perspectiva, buscamos sempre

⁴ A posição de Foucault acerca da relação entre estruturalismo e acontecimento é por demais proveitosa para a compreensão do que Deleuze pensa em relação ao acontecimento e história; ao devir e história. “O problema é ao mesmo tempo distinguir os acontecimentos, diferenciar as redes e os níveis a que pertencem e reconstituir os fios que os ligam e que fazem com que se engendrem, uns a partir dos outros. Daí a recusa das análises que se referem ao campo simbólico ou ao campo das estruturas significantes, e o recurso às análises que se fazem em termos de genealogia das relações de força, de desenvolvimentos estratégicos e de táticas. Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não linguística. Relação de poder, não relação de sentido. A história não tem "sentido", o que não quer dizer que seja absurda ou incoerente. Ao contrário, é inteligível e deve poder ser analisada em seus menores detalhes, mas segundo a inteligibilidade das lutas, das estratégias, das táticas. Nem a dialética (como lógica de contradição), nem a semiótica (como estrutura da comunicação) não poderiam dar conta do que é a inteligibilidade intrínseca dos confrontos. A "dialética" é uma maneira de evitar a realidade aleatória e aberta desta inteligibilidade reduzindo-a ao esqueleto hegeliano; e a "semiologia" é uma maneira de evitar seu caráter violento, sangrento e mortal, reduzindo-a à forma apaziguada e platônica da linguagem e do diálogo” (*Idem*).

deixar em relevo como tais problemas envolvem o tema da subjetividade, sobretudo, quando trazem elementos das pesquisas filosóficas contemporâneas que se situam nas vizinhanças entre as dimensão da consciência e do inconsciente humano.

Diante disso, podemos fazer referência ao texto escrito por Félix Guattari e Gilles Deleuze em *O Anti-Édipo*, que possui como subtítulo “Capitalismo e esquizofrenia”. Nele, podemos encontrar expostas as relações entre filosofia, economia, linguística, antropologia, psicanálise e marxismo. As questões que aparecem neste tomo, em específico, surge como uma nova maneira de pensar as relações entre desejo e social, nos levando à compreensão de que a questão da subjetividade aparece ligada àquela que remete ao desejo enquanto produção.

Já as formulações sobre o capitalismo mundial integrado aparecerão nos textos escritos somente por Guattari, nos levando oportunamente em direção à produção de subjetividade em meio à sujeição social e servidão maquínica. Como operar os desbloqueios da subjetividade – sem que a compreendamos como encerrada no individual –, mas como abertura de enunciações, em processo de deslocamento de narrativas habituais?

Os agenciamentos coletivos de enunciação, os quais são inseparáveis dos agenciamentos maquínicos do desejo, são conceitos que apresentam o indivíduo sob o panorama de uma comunidade de singularidades, assim como todo campo social é visto como a multiplicidade de indivíduos singulares. Nesse sentido, quando encontramos Guattari tratando de processos de singularização, estamos lidando com resistências, com relações do desejo enquanto produção, em processos que beiram a desordem, mas que, ao mesmo tempo, trazem outras consistências que aparecem em meio ao caos. Nesse sentido, Guattari fala das problemáticas que o impulsionaram a alargar sua compreensão da subjetividade:

Pelo menos três tipos de problemas nos incitam a ampliar a definição da subjetividade, de modo a ultrapassar a oposição clássica entre sujeito individual e sociedade e, através disso, a rever os modelos de Inconsciente que existem atualmente: a irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o desenvolvimento maciço de produções maquínicas de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque de aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana (GUATTARI, 1992, p. 11).

Portanto, não podemos deixar de destacar que nenhuma subjetividade pode ser pesquisada sem as suas relações com grupos as quais se inserem e aos territórios em que convivem. E, mais ainda, não existe nenhuma possibilidade em nossa contemporaneidade de

pensarmos as dimensões da subjetividade sem que as vinculemos aos meios digitais de informação.

Guattari enuncia então suas posições sobre o futuro das tecnologias destacando o uso que podemos fazer das novas mídias em meio às máquinas digitais à base de silício, tais pontuações ocorrem no final de 1990, na ocasião da escrita do texto *Rumo à era Pós-mídia*. Neste escrito, em que trata dos passos para novas relações em termos de uso dos meios de informação e de novas formas de enunciações, encontramos suas preocupações voltadas às mudanças ocorridas na última década do século XX, intensificadas no século XXI, em que a realidade aparece cada vez mais digitalizada.

Nesse sentido, na segunda década do século XXI, encontramos dentre os avanços tecnológicos digitais, novas máquinas inteligentes que, inclusive, começaram a ser utilizadas não somente em meio aos processos de informação, mas, sobretudo, nas emissoras de comunicação de massa. No caso do Brasil, podemos considerar que tais mutações causaram impacto nas eleições de 2018 e 2022, ocasionando a polarização do país, o crescimento da extrema direita, eventos que culminaram nos ataques terroristas de 08 de janeiro de 2023 à sede dos Três Poderes em Brasília.

Guattari, portanto, trata destas relações entre comunicação de massa e informação no sentido dos deslocamentos que a era pós-mídia pode operar no modo como as subjetividades são produzidas no sistema capitalista. A produção de múltiplas “pós-mídias”, segundo Guattari, consiste assim em atos de resistência apresentados como dissensos, desbloqueando as singularidades que são e estão aprisionadas dentro de egoísmos ilusórios. Não podemos negar que as preocupações ecológicas de Guattari não deixam de estar relacionadas às questões que envolvem o papel das mídias digitais como meios que deram novas dinâmicas à produção de subjetividade.

O que, então, seria a era pós-mídia? Guattari não traz uma definição muito precisa, somente indica que seriam práticas de desbloqueios da subjetividade, nas quais os processos de singularização viriam compor outros modos de sensibilidade. Neste sentido, em *Caosmose*, já escrito no final do século XX, Guattari afirmaria que cada vez mais a sua questão consistia em cartografar as formações do inconsciente, as rupturas sociais, sempre sublinhando a relevância da produção de subjetividade. A era pós-mídia devém então da prática de novos modos

(modulações) de subjetividades, de utilizar as máquinas inteligentes, as mídias, como os meios pelos quais se engendram processos de rupturas diante da centralidade do sujeito.

A questão de Guattari não é tratar o sujeito como aquele que possui uma identidade, através da qual pode referir-se ao mundo, medindo e ordenando-o. Ao tratar de subjetividade, ele busca cartografar os grupos e suas relações com as instituições. Desde aí, destacam-se relações que envolvem os grupos sujeitos e os sujeitados, onde tais cartografias acabam por explicitar não apenas os agenciamentos a que estamos suscetíveis, mas também, no âmbito da macropolítica, trazem à tona as produções de subjetividade que ocorrem através das mídias digitais em velocidades nunca dantes vistas. Vale salientar que os problemas ecológicos não deixam de participar dessas mídias, em que uma miríade de mensagens passa a ser transmitida pelos meios digitais, contribuindo para o aumento vertiginoso de notícias falsas e da potencialização de grupos de extrema direita.

Guattari, já nessa época, nos alertara que haveria as injunções das telas da televisão e do computador. Tal consideração que fora feita pelos idos de 1990 – já faz mais de trinta anos – parece impactar nas formas como estamos vivenciando e lidando com as mudanças no nosso planeta. Ora, a maioria das notícias é expressa pela mídia mantenedora de consensos, levando-nos a viver literalmente em outro mundo, fazendo que quase nada nos atinja, que quase nada nos sensibilize. As pós-mídias aparecem, em contrapartida, como processos revolucionários de utilização dos canais digitais para promover dissensos e rupturas com as subjetividades hegemônicas. Fica-nos assim o alerta de Guattari, ainda em *Caosmose*:

A sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas parecem, no atual estado de coisas, insuficientemente armadas para dar conta de uma tal mistura de apego arcaizante às tradições culturais e, entretanto, de aspiração à modernidade tecnológica e científica, mistura que caracteriza o coquetel subjetivo contemporâneo. A psicanálise tradicional, por sua vez, não está nem um pouco melhor situada para enfrentar esses problemas, devido à sua maneira de reduzir os fatos sociais a mecanismos psicológicos. Nessas condições, parece indicado forjar uma concepção mais transversalista da subjetividade, que permita responder ao mesmo tempo a suas amarrações territorializadas idiossincráticas (Territórios existenciais) e a suas aberturas para sistemas de valor (Universos incorporais) com implicações sociais e culturais (GUATTARI, 1992, p. 11).

Nessa abertura para novos sistemas de valor, quando Guattari questiona a maneira de viver vigente e como ainda podemos agir de modo amplificado, sobretudo, a partir do período pós-guerra, tais indagações nos remetem de imediato em direção ao nosso desastroso contexto

pós-pandêmico. Trata-se de tentarmos elaborar uma guerra por outros meios, dentre eles, os tecnológicos com sustentação digital, pois, não podemos pensar sequer nos problemas climáticos sem ao menos fazermos uso dessas informações. Como podemos agir daqui em diante em termos de cuidados ecológicos, quando parece se dar maior atenção às relações entre o mental, o social e o ambiental?

Ora, não podemos deixar de apontar para os aspectos paradoxais que trazem as mutações tecnológicas e científicas que ocorrem em velocidades vertiginosas e, muitas vezes, imperceptíveis, como também não podemos deixar de somá-las aos demais aspectos que envolvem o crescimento demográfico. Guattari nunca deixou de considerar os processos tecnológicos, as máquinas digitais, isto é, os processos que nos inserem no que se designa como “revolução da informática”, e que, em contraposição, são processos que também se configuram como causadores do desemprego e da fome no mundo, sobretudo, no continente africano.

Das considerações que fizemos sobre a trajetória clínica e os ativismos políticos de Félix Guattari, jamais deixamos de apontar para as relações complexas e instigantes que encontramos em seu modo pensar e atuar, fazendo-nos repensar tanto as “velhas ideologias” como os “modelos universalizantes” que tentam dizer sobre as crises pelas quais passamos. Por isso

se é preciso repensar as "velhas ideologias que setorizaram excessivamente o social, o privado e o civil", se é necessário, para a psicanálise ou a ecologia, compreender como a relação com o meio ambiente ou as subjetividades estão ligadas à política, às tecnologias ou à história, não é o único propósito de conhecer os complexos processos e relações em que existimos (reconhecimento que leva a tornar todas essas áreas mais complexas e a sair dos modelos universalizantes e eternizadores): é sobretudo tentar recuperá-los, individual e coletivamente, para agir com vistas a produzir algo diferente daquilo que nos leva a um desastre geral, ecológico e social, político, econômico, tecnológico, desastre para as subjetividades, para as vidas humanas e não humanas. É esse desastre em que já estamos (GUATTARI, 1992, p.11).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As considerações finais são sempre abertas por consideramos que as resistências aos mais variados tipos de fascismos nos levam cada vez mais em direção ao pensamento de Guattari. As suas afirmações são imprescindíveis, sobretudo, quando expõem que o fascismo, independentemente de todas as suas determinações sociais e políticas, pode ser visto como um acúmulo, um somatório, de microfascismos, apresentando-se como uma totalidade hiperativa.

Dadas suas preocupações acerca da produção de subjetividade através das mídias digitais superavanzadas, Guattari parece buscar no inconsciente – não sendo visto apenas com um meio desordenado, mas como uma mistura simultânea do caos e da complexidade – experiências ricas em desafios, das quais se não soubermos promover os agenciamentos processuais, poderemos cair em tragadouros que minam as potencialidades existenciais por virem.

Diante disso tudo, quando se diz respeito às instituições, sobretudo, às instituições de ensino, não sejamos derrotistas e, talvez, uma das linhas de fuga seja nos lançarmos à produção de novos currículos, novos elementos que possam suscitar outras produções desejantes, ativando com isso manobras de pensamentos inventivos e criativos. Não queremos currículos como currais para marcar as pessoas a ferro e fogo. Vamos produzir novos conteúdos de pensamento através das relações entre filosofia, ciência e arte; pensando e agindo de modo desafiador e ousado, impulsionando meios de criar saídas, maquinando sociabilidades inclassificáveis.

Se os totalitarismos podem ser neutros ou hiperativos, Félix acrescentou que o fascismo, sendo uma modalidade de totalitarismo hiperativo, também nos impeliria a resistirmos através de agenciamentos processuais, construindo pós-mídias. As disposições de desejos são sempre indeterminadas, muitas destas disposições podem gerar saídas fantásticas em relação ao “buraco negro”⁵ que vivemos. No entanto, temos que ter cuidado com tal expressão, para não nos remetermos a um plano suscetível de leituras racistas; o “buraco negro” em questão é tomado pelo pensador de *Caosmose* em consonância aos estudos cosmológicos da astrofísica, indicando que os corpos celestes ao passarem perto de tal dimensão, são tragados por seus movimentos de aproximação.

⁵ “Os estratos eram capturas; eram como “buracos negros” ou oclusões que se esforçavam para reter tudo o que passasse ao seu alcance. Operavam por codificação e territorialização na terra, procediam simultaneamente por código e territorialidade. Os estratos eram juízos de Deus, a estratificação geral era todo o sistema do juízo de Deus (mas a terra, ou o corpo sem órgãos, não parava de se esquivar ao juízo, de fugir e se desestratificar, se decodificar, se desterritorializar)”. Cf. Deleuze-Guattari, *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995, p.52. Vale considerar também as colocações de Roland Omnès, em *L’univers et ses métamorphoses*: “Uma estrela que caiu abaixo do raio crítico constitui o que se chama um buraco negro (astro ocluso). Esta expressão significa que o que se enviar para semelhante objeto de lá não poderá mais sair. Ele é, pois, totalmente negro porque não emite nem reflete qualquer luz.” (Idem, p. 164).

Todavia, prudentemente, Guattari nos alerta de que a economia do desejo pode fazer com que determinados fenômenos desemboquem em catástrofes, a exemplo das catástrofes climáticas que nos remetem àquelas ditas sociais e mentais. O que estaria então a nosso alcance para evitar tais catástrofes? Como sair das catástrofes em que nos encontramos?

Neste ponto de nossas formulações, nos aproximamos ativamente, sem sermos tragados, da subjetividade e do desejo como modos de produção em constante diferenciação. Não podemos pensar em qualquer produção maquínica sem ao menos pensarmos na produção de *reterritorializações*, sem que pensemos em novos territórios que aparecem como produto. Os territórios são corpos sem órgãos, tal como o ar que respiramos ou nossas composições inauditas com outros seres vivos da Natureza. A produção de subjetividades acontece assim nos territórios criados em agenciamentos. Estes territórios não dizem somente respeito às narrativas propulsionadas por tradições e ancestralidades, como também não dizem respeito somente aos agenciamentos maquínicos, desterritorializados, que decodificaram os agenciamentos territorializados por enunciações. Ou ainda, os territórios em questão não se dão por pontes que cruzam o fosso abissal entre o sensível e o inteligível para dar acesso ao puritanismo entre corpo e alma, matéria e espírito. Os processos maquínicos aqui destacados são aqueles que desembocam em territórios nos quais os agenciamentos emergentes começam a aparecer de modo processual e diferencial.

Ao dizermos sobre esses novos processamentos, por exemplo, colocamos em destaque os ritmos de vida dos povos pretos africanos, dos ritmos que aqui chegaram através dos escravizados, gerando, por sua vez, outros ritmos entrelaçados como poesias, tal como os “raps”. Da mesma maneira, podemos apontar para inúmeros movimentos das artes populares em que misturas complexas fizeram aparecer novos paradigmas ético-estéticos e políticos. Nesse sentido, as supostas radicalidades que encontramos nas leituras das produções de Guattari podem nos remeter às situações paradoxalmente produtivas e curativas de nosso próprio tempo.

Das mudanças geopolíticas que ocorrem no mundo, não podemos esquecer que as relações entre liberdade e servidão exigem que pensemos as próprias tecnologias contemporâneas como processos maquínicos, sem com isso cairmos na ilusão de que as tecnologias digitais não podem ser usadas enquanto meios de novos modos de pensar, sentir e agir, sobretudo, no que diz respeito às produções de subjetividades revolucionárias.

Ora, não queremos apenas repetir o que encontramos no diário *De Leros à La Borde*. O que pretendemos aqui, em contrapartida, é assinalar a possibilidade de desmobilização de circunstâncias em que pudemos assistir os considerados loucos serem empilhados nos manicômios e destruídos na esquizofrenia do sistema capitalista, em situações associadas ao fascismo, no que vimos dos golpes políticos no Sul Global. O episódio de 08 de janeiro de 2023 no Brasil, por exemplo, foi um acontecimento que também nos leva a pensar sobre os modos de vida em que ainda podemos resistir.

As leituras que fizemos sobre as fases de Guattari, em que a produção de subjetividade aparece com relevância, são motivadas por tudo que vivemos neste país, sobretudo, quando procuramos, através da nossa prática, lecionar filosofia ou criar linhas de fuga em torno da questão dos modos de subjetivação contemporâneos. Todavia, jamais podemos tirar de nossos radares as mudanças geopolíticas que ocorrem no mundo, não podemos nos esquecer das relações maquinicas de liberdade, isto é, de relações que exigem pensarmos nosso engajamento político em termos de processos de multiplicação das diferenças. Em suma, compreendemos que pensar de tal modo pode evitar de cairmos na ilusão de que os aparatos tecnológicos não podem ter usos revolucionários, principalmente, no que se vincula às produções revolucionárias de subjetividades.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi, Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica do sentido**. Tradução Luiz Roberto Salinas Fotes, 1 ed. São Paulo: Perpsetiva, 1974.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. **O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia**. Tradução. Luiz B. L. Orlandi, São Paulo: Ed.34. 2010.

_____. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DRIGO, Larrisa **Guattari e a psicoterapia institucional**. Rio de Janeiro: Ágora, 2020.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____. **Cartografias esquizoanalíticas**. Buenos Aires: Manantial, 2000.

_____. **O inconsciente maquínico: ensaios de esquizoanálise**. Campinas: Papyrus, 1988.

_____. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida: Ideias e Letras, 2004.

_____. **As três ecologias**. 20ª ed. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papyrus, 2009.

_____. **A Filosofia é fundamental para a existência humana: A última entrevista de Felix Guattari na televisão francesa**. Tradução de Alfredo Martin e Cláudio Tarouco de Azevedon. Sorocaba: REU, 2013.

_____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2006.

_____. **¿Qué es la ecosofía?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. Buenos Aires: Cactus, 2015.

KERSLAKE, Cristian. **As Máquinas Desejantes de Félix Guattari**. [s.n.], 2008.

MEZIANE, Bruno Meziane. **Histórico de um agenciamento**. In: *Implications Philosophiques*, 2019.

POLACK, Jean Claude. **Análise, entre psico e esquizo**. [s.n.], 2008.

UNO, Kinuichi. **Guattari: Confrontações, conversas com Kuniichi Uno e Laymert Garcia do Santos**. São Paulo: n-1 edições, 2016.